

“Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”



Narrativas e Guião para Jornalismo

Joana Pontes

2018-2019

Trabalho elaborado por:

João Fernandes, 10881

Jornalismo A

Índice

1. Carta de intenções.....	3
2. Ideia.....	4
3. Sinopse.....	5
4. Pesquisa	
4.1. Violência no futebol português.....	6
4.2. Duas formas de considerar a violência.....	7
4.3. Três dimensões de expressão da violência.....	7
4.4. Sistema de categorias para a análise de manifestações de violência.....	8
4.5. Dualidade de critérios/dificuldade de análise.....	9
4.6. Comportamento dos jogadores.....	10
4.7. Consequências de uma má prestação no campo desportivo, para o elemento de uma equipa de arbitragem.....	11
4.8. Projeto “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”.....	13
5. Bibliografia.....	15
6. Desenvolvimento.....	17
7. Observações finais.....	26
8. Anexos	
8.1. Entrevista a Ricardo Correia, treinador e olheiro de futebol.....	27
8.2. Entrevista a Miguel César, ex-árbitro da Associação de Futebol de Santarém (AFS) e Associação de Futebol de Leiria (AFL).....	30
8.3. Entrevista a Jorge Andrade, ex-jogador do Futebol Clube do Porto e da seleção portuguesa.....	33
8.4. Entrevista a Salomé Marivoet, socióloga do desporto e professora no ISCTE-IUL.....	35

1. Carta de intenções

Lembro-me como se fosse ontem. Um mar vermelho de cachecóis tinha invadido o Centro Comercial Colombo e o ruído nas lojas e na zona de restauração era ensurdecedor. Tinha 6 anos e havia muita coisa da vida que não entendia (tal como ainda hoje não entendo), e uma delas era a paixão à volta do futebol. O meu avô materno, benfiquista ferrenho e sócio do clube há muitos anos, viu em mim, o neto rapaz, a oportunidade de transmitir todo o benfiquismo que lhe corria pelas veias. E assim o fez, no dia 14 de maio de 2005: após pedir autorização ao meu pai (sportinguista pouco convicto) para me equipar a rigor, lá fomos os três ao Estádio da Luz assistir ao grande dérbi lisboeta, entre Benfica e Sporting. O Benfica venceu esse jogo por 1-0, com um golo do Luisão ao cair do pano, e se há imagem de que nunca me esqueci é a alegria contagiante que percorreu as bancadas, com 60000 pessoas a gritarem “golo” a plenos pulmões.

Passado mais de 13 anos, continuo a entrar no estádio sempre como se fosse a minha primeira vez. Não só me tornei num “maluquinho do futebol” - como a minha mãe tanto gosta de referir -, como encontrei na escrita um prazer imenso, que me levou a seguir a área do jornalismo. Quando eu e o meu grupo tivemos de escolher um tema para abordar em Narrativas e Guião para Jornalismo, veio-nos logo à cabeça a violência no futebol, que faz correr tanta tinta e que muito nos entristece. Ao longo da realização deste projeto, percebi que a minha ideia para o trabalho individual tinha de passar, inevitavelmente, pelo enaltecimento das boas práticas que ainda se verificam nos campos do nosso país, e em especial nos do meu distrito, Santarém.

O desporto-rei é rei por alguma razão e essa razão encontra-se em toda a atmosfera em torno deste. São gerações de avós, pais e filhos que se encontram com gerações de jogadores, treinadores e árbitros para juntos proporcionarem um espetáculo que, anos mais tarde, deixa recordações bonitas e uma enorme saudade. Se em 2005 dizia ao meu avô que não compreendia aquele mar vermelho de cachecóis, hoje em dia faço questão de, sempre que posso, fazer parte do mesmo com os meus amigos. Agradeço-lhe por isso.

2. Ideia

A minha ideia para este projeto surge ao tomar conhecimento da iniciativa “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”. Esta campanha, colocada em marcha pela Câmara Municipal de Almeirim, resume-se, basicamente, à punição dos clubes cujos adeptos tiveram comportamentos antidesportivos, e à atribuição de incentivos aos emblemas que demonstrarem *fair play*.

Face às constantes más práticas a que assisto regularmente num jogo de futebol por parte de todos os seus intervenientes, considerei que seria interessante levar esta iniciativa mais longe, dando uma maior visibilidade à questão do *fair play* no futebol num órgão de comunicação social da região. Com isto, e como acredito que o jornalismo deve assumir um papel-chave na consciencialização da sociedade para certas temáticas, tenho como objetivo dar a conhecer ao público alguns casos de boa conduta desportiva.

Para tal, associado à campanha “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”, teríamos um projeto para o *online*. No website do jornal “O Mirante”, o principal semanário do distrito de Santarém (ao qual Almeirim pertence), contaríamos uma vez por mês com uma reportagem de caráter lúdico. Esta reportagem, no fundo, teria o intuito de revelar o “Adepto do mês”, o “Jogador do mês”, o “Treinador do mês” e o “Árbitro do mês”, de entre os vários jogos dos escalões jovens de Iniciados, Juvenis e Juniores da Associação de Futebol de Santarém.

O meio seria um vídeo para o separador “O Mirante TV”, com o acompanhamento a estas personagens através de entrevistas, imagens dos jogos e de fora do ambiente destes, etc..

Para as primeiras três categorias em causa, o principal critério de escolha seria um comportamento exemplar de destaque ao longo das partidas desse mês. Para a categoria do “Árbitro do mês”, recorrer-se-ia às avaliações do Conselho de Arbitragem de Santarém no mês em questão.

Com tudo isto, acredito que não só se estaria a contribuir positivamente para um “futebol saudável” na região de Santarém, como a chamar a atenção para a iniciativa desenvolvida pela Câmara Municipal de Almeirim, que poderia futuramente alastrar-se para outros distritos.

3. Sinopse

Formato: reportagem para a web / **Duração:** 15 a 20 minutos / **Público:** heterogéneo (jogadores, treinadores, adeptos e árbitros)

“Pais de Desportistas são Pais Responsáveis” é um projeto para “O Mirante TV” que nasce da iniciativa da Câmara Municipal de Almeirim com o mesmo nome. Todos os meses, a Associação de Futebol de Santarém elege o “Jogador do mês”, “Treinador do mês”, “Adepto do mês” e “Árbitro do mês”, selecionados dos escalões de Iniciados, Juvenis e Juniores. Ao longo de uma reportagem lúdica de 15 a 20 minutos, ficamos a conhecer um pouco mais da história destas quatro personagens, através de entrevistas e imagens de jogos e de fora do ambiente destes. O fim último passa por promover a iniciativa “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis” e apelar às boas práticas desportivas dos vários intervenientes do futebol jovem da região de Santarém.

4. Pesquisa

4.1. Violência no futebol português

Hoje o futebol é um desporto-espetáculo, um fenómeno cultural que atrai o maior número de espectadores no mundo. Se calcularmos a quantidade de pessoas que, em cada final de semana, marca presença nos estádios para uma partida de futebol, provavelmente chegaremos a números bem altos, principalmente se considerarmos que é um desporto disputado durante quase todo ano e em quase todos os países. A juntar a este número, temos ainda os espetadores do futebol televisivo e os ouvintes pela rádio.

A importância que o futebol profissional assumiu em termos nacionais e internacionais leva-nos a assistir a inúmeros casos de violência, que tanto têm perturbado este espetáculo desportivo.

Quando falamos em violência no futebol, o primeiro conceito que nos surge é o de hooliganismo.

- ✓ **Hooliganismo** - Atividade de quem pratica atos de violência e de vandalismo, particularmente em competições desportivas.



Invasão à Academia de Alcochete (maio de 2018)

Desde a década passada que, nas características da violência por parte de grupos organizados, encontramos a subcultura *hooligan/casual*. Contudo, o que predomina em Portugal é a subcultura *ultra*. Diferenciam-se pelo tipo de comportamentos e formas de violência. Em ambas as subculturas encontra-se uma enorme predisposição para a violência, como algo valorizado no grupo (pela coragem demonstrada, bravura, façanhas, associando o uso da força física à virilidade e à honra masculina). Contudo, os *hooligans* (de origem inglesa), atualmente designados de *casuals*, batem-se em rixas corpo-a-corpo com grupos das equipas rivais (marcadas fora do local ou mesmo do dia do jogo), sendo que vão aos jogos sem qualquer identificação com o clube (usam roupa de marca, daí a designação de *casuals*), para passarem despercebidos às forças de segurança. Já os *ultras* (de origem italiana) encontram-se organizados em grupos com líderes, estabelecem ligações institucionais com os respetivos clubes, assistem aos jogos identificados com os grupos (cliques) e/ou clube e criam coreografias para os jogos. E se por um lado dão um manifesto apoio à equipa durante os jogos, por outro caracterizam-se por uma enorme intolerância face aos adeptos dos clubes rivais, utilizando a forma de violência de 'guerrilha urbana' (bate e foge) como forma de intimidação ou de resposta a provocações, ainda que a provocação seja uma constante entre uns e outros, daí os aparatos policiais a escoltar as cliques dos clubes rivais quando jogam entre si.

É importante frisar que este tipo de violência extracampo é, contudo, apenas uma das muitas formas que se verificam no futebol.

Para entender tudo o que envolve a violência no futebol português, é fundamental caracterizar as formas de violência mais comuns na sociedade portuguesa, pois partimos do pressuposto de que, em cada sociedade, essas manifestações assumem dimensões diferentes, simbolizando conteúdos diferentes. É também necessário analisar a existência, na dinâmica do jogo de futebol, de características específicas que contribuem para a ocorrência de situações de violência, pois consideramos que a dinâmica específica do desporto é determinante, e como tal, a sua singularidade deve ser estudada.

4.2. Duas formas de considerar a violência

- Consequência de um instinto natural do homem;
- Comportamento aprendido pelo homem ao longo da sua história.

A agressividade e o uso da força física fazem parte da natureza humana. Todos nós nos podemos tornar violentos numa circunstância em que a nossa integridade física ou de alguém próxima possa estar a ser ameaçada. Porém, os valores da sociedade têm mudado, assistindo-se a uma tendência para a pacificação da vida social, também designada de civilizacional. Com a instauração do Estado de direito na Modernidade, assistiu-se ao monopólio da força física por parte do Estado (a cargo das forças de segurança, polícias e militares), passando a ser crime as ofensas à integridade física. Deste modo, os litígios entre as pessoas e/ou grupos deverá passar pelos tribunais, não sendo permitidos atos de “justiça pelas próprias mãos”, justamente o que se encontra no caso das agressões aos árbitros de futebol.

4.3. Três dimensões de expressão da violência

- **Violência expressiva** - praticada por aqueles que escolhem o futebol como espaço de expressão de uma violência na qual o prazer obtido nesses atos tem uma componente predominante.
- **Violência reativa** - praticada por aqueles que, em função de uma série de circunstâncias ligadas à dinâmica do jogo, praticam esses atos como uma forma de reação a uma sensação de injustiça ou incapacidade de mudar o estado da situação na qual estão envolvidos.
- **Violência instrumental** - praticada predominantemente com a finalidade de atingir um objetivo, entendido como sendo fundamental para o sucesso individual da equipa ou de ambos.

4.4. Sistema de categorias para a análise de manifestações de violência

- **Agressão física** - categoria com maior destaque - este tipo de violência está presente em todas as jornadas do campeonato português. Os casos que chamam mais a atenção do público e dos especialistas ocorrem, geralmente, nos principais clubes da Primeira Liga. A arbitragem costuma estar no centro da discussão.

O vandalismo é outra manifestação que se encontra na ordem do dia: são vários os episódios entre as claques dos clubes, normalmente com origem na grande atração dos seus membros por atos violentos e pela confusão que se gera.

- **Ameaça, fraude, ofensa e suborno** - outras situações que se verificam com regularidade e que condicionam o funcionamento normal do campeonato português.
 - A arbitragem, e a pressão social em volta desta, são pontos críticos e representam um papel preponderante no ambiente vivido no futebol português.

4.5. Dualidade de critérios/dificuldade de análise

- Diante de faltas idênticas, os árbitros aplicam **critérios diferentes**. Por exemplo, diante de uma falta onde tanto pode ser exibido o cartão amarelo ou o vermelho, umas vezes aplicam um, outras vezes outro. É importante frisar que esta atitude, quando ocorre dentro de um jogo, cria um clima de revolta e desconfiança, sendo fonte de motivo para outras faltas e aumento da tensão dentro de campo.
- Têm **dificuldade em assinalar determinados lances** que ocorrem dentro do terreno de jogo, porque este é grande e a velocidade do jogo muitas vezes impede que vejam dois momentos distintos, acontecendo em pontos diferentes do campo e com curtos intervalos de tempo. Em função disto, são cometidos erros muito graves, principalmente no que diz respeito à marcação de dois tipos de infração: os foras de jogo e as grandes penalidades. Esses dois pontos acabam por ser os que geram as maiores discussões sobre a arbitragem, no que diz respeito à qualidade e intencionalidade no sentido óbvio das possíveis arbitragens corruptas. A forma como a arbitragem é realizada provoca muitas críticas, tanto a nível nacional e internacional, o que faz com que surjam novos métodos - falamos do VAR.
 - ✓ **VAR (Video Assistant Referee)** - O árbitro assistente de vídeo ou videoárbitro é um árbitro assistente de futebol, que analisa as decisões tomadas pelo árbitro principal com a utilização de imagens de vídeo e de uns auscultadores para comunicação. Os videoárbitros não fazem

atualmente parte das regras do jogo, mas o seu uso está a ser avaliado pela *International Football Association Board* em diversas competições.

4.6. Comportamento dos jogadores



Jogador do Canelas 2010 agride árbitro num encontro da A. F. Porto (abril de 2017)

Um ponto de extrema importância passa pelo comportamento dos jogadores. Pode-se dizer que muitas vezes são cometidas faltas violentas, de forma desnecessária e que não trazem nada de bom ao jogo. Um outro aspeto que deve ser abordado consiste na diferença de carácter dos vários jogadores. Percebemos que neste ponto assistimos a um comportamento que varia entre a tentativa de aproveitamento das situações e um comportamento de “vítima”, com o intuito de tirarem proveito das situações existentes. Em ambas os casos são comportamentos que contribuem para a tensão do jogo e desconfiança geral. Em suma, podemos afirmar que existe uma forma cínica de atuar, o que vem reforçando aos poucos a má imagem do futebol.

4.7. Consequências de uma má prestação no campo desportivo, para o elemento de uma equipa de arbitragem



Árbitro assistente de um jogo da Liga Europa é agredido com um copo vindo da bancada (agosto de 2018)

- **Não ser nomeado para atuar durante uma ou mais jornadas.** Na prática, é como se tivesse visto cartão vermelho e ficassem "suspensos" por tempo a definir. Uma situação que em nada difere daquilo que acontece com atletas e técnicos. Esta “paragem forçada” priva os árbitros de fazerem aquilo de que mais gostam e, claro, de auferir as verbas a que teriam direito. Na prática, esse castigo, popularmente conhecido como o da "jarra", mexe, diretamente, com a autoestima/brio profissional e com a vida financeira dos árbitros.
- **Questão da avaliação.** Todos os árbitros (e restante equipa, VAR incluído) têm uma nota por cada jogo que dirigem. O relatório, que é preenchido pelos respetivos observadores, tem parâmetros objetivos, bem definidos, que vão desde o acerto/erro nas decisões mais importantes à condição física, personalidade, movimentação, colocação, interação com os colegas, etc. Da soma dessas avaliações dependerá o seu ranking final. Na prática, quanto mais erros somarem, pior será a classificação final, e maior será a possibilidade de serem despromovidos - ou seja, de deixarem de ser árbitros no escalão maior do futebol

português. Acaba por ser mais ou menos o que acontece com as equipas que têm menos pontos no final da época: descem de categoria.

- **Instauração de processos disciplinares.** Qualquer conduta, dentro do terreno de jogo ou fora dele, que tenha elementos de prova suficientes que a sustente, poderá levar ao recurso a esta medida. As consequências poderão ir da aplicação de uma sanção mais leve (repreensão por escrito) a outras bem mais pesadas (pontos deduzidos à classificação final, jogos de suspensão, etc.). Mais uma vez, também vemos esta situação ocorrer com atletas e treinadores, dirigentes e clubes. E tal como acontece com eles, a tensão pessoal que tudo isto cria é tremenda. O número crescente de erros que um árbitro comete em campo coloca-o mais perto dos lugares de descida. Por outras palavras, o fim prematuro da carreira fica mais próximo (raramente continuam a dirigir jogos nos escalões amadores).

- **Julgamento sumário em praça pública.** Resulta da sentença traçada pelos *opinion makers*, pela imprensa e pelas declarações dos vários dirigentes desportivos. O escrutínio a que hoje estão sujeitos coloca-os na senda de várias humilhações públicas diárias. A justiça feita pelo povo pode acontecer a qualquer hora, em qualquer esquina e a qualquer altura do dia. O árbitro que comete erros grosseiros em jogos mediáticos anda na rua como uma lebre anda na mata, em plena época de caça: com medo ou com uma coragem muito negligente. E esse é um castigo que vai além do que aquele que pode e deve merecer, em termos desportivos: afeta o seu bem-estar enquanto pessoa, porque ofende a sua integridade enquanto ser humano, porque perturba a sua privacidade e da sua família; porque o amordaça a uma liberdade restritiva, impedindo-o tantas vezes de ir e estar onde quer, como e com quem quer; deixa de ser uma pessoa livre que olha para a frente e passa a ser uma presa que espreita constantemente por cima do ombro.

4.8. Projeto “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”



Os árbitros ficam responsáveis de registar as ocorrências

A Câmara Municipal de Almeirim está a lançar o projeto “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”, que visa incentivar a adoção de comportamentos cordatos e civilizados por parte dos familiares dos atletas jovens durante as competições desportivas. No limite, a autarquia reserva-se mesmo ao direito de suspender os apoios financeiros aos clubes ou eventos desportivos onde sejam reportados comportamentos antidesportivos graves, dentro ou fora dos recintos de jogo.

As penalizações serão decididas após a análise dos relatórios das equipas de arbitragem ou de funcionários da própria autarquia que estejam de serviço nos equipamentos desportivos do município.

O projeto foi lançado depois de todos os clubes do concelho com formação de atletas terem sido auscultados, e o regulamento estende-se também aos respetivos dirigentes. Para já, a Câmara lançou um folheto informativo onde estão descritas as 10 regras que os pais devem seguir sempre que vão assistir às provas desportivas dos filhos. “A educação e a cultura desportiva precisam de pais positivos, exemplares e participativos. Por isso, durante a competição, não dê espetáculo, deixa o seu filho brilhar”, lê-se, por exemplo na 9ª regra.

10

regras para pais que adoram ver os filhos a praticar desporto

- Temos um compromisso com a sociedade; vamos mudar o nosso comportamento!

O comportamento **desrespeitoso** e muitas vezes indecoroso a que (lamentavelmente) se assiste durante as competições, protagonizado por pais/familiares dos atletas, treinadores e dirigentes que, deveriam ser um exemplo de consenso e boas-práticas desportivas, impõe que se encontre uma solução para este problema.

Ao serem reportados [por árbitros/juizes ou colaborador CMA] atos menos respeitosos para com equipas adversárias, fora ou dentro dos recintos, a Câmara Municipal de Almeirim, usando de um sentido preventivo de boas-práticas desportivas, sentir-se-á no direito - em casos extremos - de interromper a colaboração financeira ao evento desportivo ou ao Clube.



regras para pais que adoram ver os filhos a praticar desporto

10

01 Venha fervorosamente preparado para apoiar

02 Mantenha a calma, respire fundo... trata-se, apenas, de uma saudável competição

03 Se acha que está a ficar nervoso, em vez de gritar, agite fortemente a bandeira do seu clube.

04 A única altura em que pode perder a compostura é quando o seu filho ou a sua equipa festejarem

05 Durante o evento desportivo não dê palpites ao seu filho, ele só tem ouvidos para o treinador

06 Os árbitros estão em melhor posição para avaliar e decidir, por isso, não discuta das decisões.

07 A competição pode ser renhida mas, as vantagens de cultivar o fair play desportivo são mais vantajosas.

08 Lembre-se que o seu comportamento negativo, junto de árbitros, atletas e dirigentes pode ser reportado e penalizar seriamente tanto o seu filho como o clube.

09 A educação e cultura desportivas precisam de pais positivos, exemplares e participativos, por isso, durante a competição; não dê espetáculo, deixe os atletas brilharem.

10 Quando não se lembrar de nenhuma destas regras [faça-nos este favor] ... **fique em casa.**

Pais de desportistas

são

Pais responsáveis



Folheto informativo onde estão descritas as 10 regras que os pais dos desportistas devem seguir

5. Bibliografia

- Tribuna Expresso (2018), *Duarte Gomes escreve, de coração apertado, angustiado e fechado, sobre Sérgio Magalhães* (Internet). Disponível em: <https://tribunaexpresso.pt/opiniao/2018-07-02-Duarte-Gomes-escreve-de-coracao-apertado-angustiado-e-fechado-sobre-Sergio-Magalhaes>

- Tribuna Expresso (2018), *Leia este artigo. Duarte Gomes pode ajudá-lo a compreender as (não muitas) novidades que vêm aí na arbitragem* (Internet). Disponível em: <https://tribunaexpresso.pt/futebol-nacional/2018-08-06-Leia-este-artigo.-Duarte-Gomes-pode-ajuda-lo-a-compreender-as--nao-muitas--novidades-que-vem-ai-na-arbitragem>

- Tribuna Expresso (2018), *“Sabia que...” Duarte Gomes esclarece todas as dúvidas sobre os insultos, a celebração de golos e a famosa lei da vantagem* (Internet). Disponível em: <https://tribunaexpresso.pt/opiniao/2018-10-22-Sabia-que.-Duarte-Gomes-esclarece-todas-as-duvidas-sobre-os-insultos-a-celebracao-de-golos-e-a-famosa-lei-da-vantagem>

- Tribuna Expresso (2018), *Aconteceu nas distritais: árbitros e agentes da GNR foram insultados, socados e pontapeados (por Duarte Gomes)* (Internet). Disponível em: <https://tribunaexpresso.pt/opiniao/2018-10-16-Aconteceu-nas-distritais-arbitros-e-agentes-da-GNR-foram-insultados-socados-e-pontapeados--por-Duarte-Gomes->

- XII Simpósio Internacional Processo Civilizador (10, 11, 12 e 13 de novembro de 2009), *A violência no futebol português: uma interpretação sociológica a partir da concepção teórica de processo civilizacional* (por Roberto Ferreira dos Santos). Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W_Santos2.pdf

- Futebol de Formação (2018), *Câmara penaliza clubes por mau comportamento dos pais*. Disponível em <https://www.futeboldeformacao.pt/2018/10/03/camara-penaliza-clubes-por-mau-comportamento-dos-pais-dos-atletas/>

-Website da Câmara Municipal de Almeirim. Disponível em <http://www.cm-almeirim.pt/>

- *MORRIS, Desmond - A tribo do futebol*

- Entrevistas

- Ricardo Correia, olheiro no Futebol Clube do Porto
- Miguel César, ex-árbitro da Associação de Futebol de Santarém (AFS) e Associação de Futebol de Leiria (AFL)
- Jorge Andrade, ex-jogador do Futebol Clube do Porto e da seleção portuguesa
- Salomé Marivoet, socióloga do desporto e professora no ISCTE-IUL

6. Desenvolvimento

Primeira parte (apresentação do tema central)

Imagem da bandeirola de canto da Associação de Futebol de Santarém

Cada reportagem mensal começa com uma imagem da bandeirola de canto da Associação de Futebol de Santarém, para chamar logo a atenção para o tema central do vídeo: o futebol no distrito de Santarém. Por trás da bandeirola, vê-se o movimento dos jogadores (desfocados) no relvado.



Duração da sequência: 1 a 3 segundos

Imagens dos quatro principais intervenientes num jogo de futebol: jogador, treinador, adepto e árbitro

De forma a reunir os quatro principais intervenientes num jogo de futebol, nesta fase mostra-se, com transições rápidas, imagens do “Jogador do mês”, “Treinador do mês”, “Adepto do mês” e “Árbitro do mês”. Uma vez que estes elementos são selecionados após uma observação de um mês, estas imagens seriam obtidas de campos diferentes, de diferentes pontos do distrito e de dia ou de noite. É fundamental que se veja o jogador com a bola nos pés, o treinador a dar instruções para dentro de campo, o adepto a beber uma cerveja tranquilamente ou a puxar pela equipa e o árbitro a levar o apito à boca ou a dar alguma instrução. Com isto, começa-se aos poucos a revelar uma ligação entre os vários elementos do jogo, estando o bom funcionamento do desafio dependente da mesma.

Duração da sequência: 30 segundos



Segunda parte (apresentação das personagens)

❖ Jogador do mês



Entrada do “Jogador do mês” no balneário

O “Jogador do mês” entra no balneário, acompanhado de alguns colegas de equipa, abre o seu cacifo e começa a preparar-se para o jogo. O bom ambiente é visível, e as imagens passam maioritariamente pelos sorrisos do jogador em causa, pelas brincadeiras que faz com os colegas ou até mesmo pelas palavras que troca com eles.

Em cada mês, o jogador escolhido tem algo que o distingue dos demais: uma atitude de liderança, um gosto peculiar pela leitura ou por um estilo de música fora do comum, uma disciplina e um comportamento fora de campo exemplares, um nível escolar de destaque, entre outros exemplos. Esta distinção de “Jogador do mês” procura não só um atleta reconhecido pelo seu *fairplay* dentro das quatro linhas, como também um traço de personalidade que o torna especial.

A acompanhar as imagens do jogador no balneário, recorre-se a uma *voz-off*, que faz a apresentação do futebolista: nome, idade, local de nascimento, clube, escalão onde joga e percurso no futebol e na escola são alguns dos aspetos mencionados.

Duração da sequência: 1 minuto

❖ Treinador do mês



Entrada do “Treinador do mês” no balneário

À semelhança do que acontece com o “Jogador do mês”, vemos o “Treinador do mês” a entrar no balneário. Neste caso, o espírito de líder e o respeito que os jogadores têm pelo *Mister* assumem um papel fulcral. As imagens mostram não só o treinador a acertar pormenores táticos com o grupo em geral, como também a dar uma palavra de incentivo a alguns dos seus jogadores.

O treinador escolhido em cada mês, para além da capacidade de liderança, pode e deve ainda recolher outras características que aumentem o interesse na personagem: uma outra profissão fora do futebol, uma história de vida inusitada, um *hobby* pouco vulgar para quem está no meio, etc.. Mais uma vez, pretende-se ver uma personalidade forte aliada ao *fairplay* demonstrado dentro de campo.

Tal como acontece com a apresentação do jogador, uma *voz-off* trata de fazer uma breve síntese do perfil do treinador, referindo os principais dados e traços associados a este interveniente.

Duração da sequência: 1 minuto

❖ Adepto do mês



Chegada do “Adepto do mês” às bancadas

É a vez do “Adepto do mês” entrar em ação. Ao contrário do que acontece com os dois intervenientes anteriores, o adepto não chega ao balneário, mas sim ao campo de jogos e respetiva bancada. A atenção neste momento vai toda para este adepto - “um conhecido da casa” -, que conversa entusiasmadamente com os amigos sobre o encontro que está para começar, enquanto disfruta de uma cerveja e de uma bifana.

Para além de ser uma presença assídua nos jogos da sua equipa, o adepto escolhido em cada mês distingue-se dos que o acompanham pela maneira como puxa pela equipa, pelos adereços que utiliza, por uma expressão engraçada (mas não ofensiva) que emprega, etc.. Esta personagem é, talvez, a mais importante de toda a reportagem, porque tem a missão de mostrar que é possível existir uma relação próxima entre as bancadas e as quatro linhas, sem se abdicar do *fairplay*.

Dá-se novamente uso a uma *voz-off*, que se encarrega de dar a conhecer os principais detalhes deste interveniente.

Duração da sequência: 1 minuto

❖ Árbitro do mês



Entrada do “Árbitro do mês” em campo

O último interveniente a ser apresentado é o “Árbitro do mês”. O encontro que este vai apitar está prestes a começar, e este dirige-se ao centro do terreno acompanhado da restante equipa de arbitragem e dos dois conjuntos que se defrontam. As imagens passam, sobretudo, pelo diálogo do árbitro com os dois capitães de equipa e pelo lançamento da moeda ao ar. De seguida, vê-se o árbitro a levar o apito à boca, para dar início à partida.

A escolha do árbitro de cada mês é feita, essencialmente, com base nas avaliações que recebeu do Conselho de Arbitragem de Santarém ao longo desse período de tempo. Contudo, há alguns fatores que também devem ser tidos em conta para esta distinção: o respeito visível entre o árbitro e os outros intervenientes, uma outra profissão fora do futebol, uma história de vida diferente, etc..

A *voz-off* volta a ser determinante, desta vez na apresentação do perfil do juiz da partida.

Duração da sequência: 1 minuto

Terceira parte (desenvolvimento)

Entrevistas com o “Jogador do mês”, “Treinador do mês”, “Adepto do mês” e “Árbitro do mês”

Após ficarmos a conhecer resumidamente estas quatro personagens, através de imagens e *voz-off*, é altura de descobrir mais sobre o jogador, treinador, adepto e árbitro, através de uma entrevista com os mesmos.

Como a reportagem envolve os clubes dos escalões de Iniciados, Juvenis e Juniores da Associação de Futebol de Santarém, o local destinado a cada conversa é à escolha do elemento premiado, mas dependente da cidade, vila ou aldeia de onde a sua equipa é (no caso do árbitro, a terra com que mantém uma maior ligação). Por exemplo: se o “Jogador do mês” joga na União Desportiva de Santarém e é um ávido leitor, então a entrevista poderia decorrer na Sala de Leitura Bernardo Santareno; se o “Treinador do mês” orienta o Sport Lisboa e Cartaxo e é um grande apreciador de vinho, a Adega Cooperativa do Cartaxo seria um dos sítios indicados para ser entrevistado; se o “Adepto do mês” apoia o CADE (Clube Amador de Desportos do Entroncamento) e foi um dos responsáveis pelas obras de modernização da via férrea do Entroncamento na década de 60, então a Estação Ferroviária do Entroncamento seria a principal hipótese para o lugar selecionado; se o “Árbitro do mês” nasceu na cidade de Rio Maior, as Salinas da Fonte da Bica seria uma boa opção para o espaço escolhido. A conjugação destes quatro intervenientes com pontos marcantes do distrito de Santarém não só contribui para uma maior representatividade dos diferentes concelhos da região, como permite uma divulgação dos vários lugares de interesse cultural e histórico desta zona do país.

Estas entrevistas incidem maioritariamente naquilo que foi o mês dos quatro intervenientes, no porquê de terem recebido a distinção de “Jogador do mês”, “Treinador do mês”, “Adepto do mês” ou “Árbitro do mês” e na visão que estes têm acerca da sustentabilidade do futebol e do caminho que este desporto segue na região de Santarém.

Duração da sequência: 8 minutos (2 minutos para cada personagem)

Imagens destes elementos em ação

As entrevistas destes elementos vão sendo intercaladas por imagens dos mesmos durante um jogo: o jogador com a bola nos pés ou caído no chão, o treinador com um ar pensativo a olhar para o quadro tático, o adepto a entoar um cântico do clube e o árbitro a advertir um jogador. Estas imagens coincidem com um ruído de fundo vindo das bancadas, com conversas entre os jogadores e treinadores, com uma troca de impressões entre o árbitro e os seus assistentes através do intercomunicador, etc.. Nesta altura, é muito importante que a relação destas imagens com as entrevistas dê a entender que o futebol vai para além do que se passa dentro das quatro linhas, havendo uma vida para além disso. Nas bancadas, vemos serem distribuídos vários folhetos da iniciativa “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”, com as 10 regras que devem ser seguidas pelos adeptos durante o encontro.

Duração da sequência: 2 minutos (30 segundos para cada personagem)

Quarta parte (conclusão)

Imagens do final do jogo

Nesta fase, a reportagem caminha para o fim, tal como o jogo em que cada personagem se insere. Assim sendo, após o apito final, vemos o jogador a cumprimentar os adversários e o árbitro, o treinador a agradecer aos adeptos, o adepto a aplaudir a sua equipa e o árbitro a ser cumprimentado pelos elementos de ambos os clubes. Pelas transições rápidas que são feitas, é notório que estas quatro personagens estão como que ligadas por um “cordão umbilical”. O futebol da região (e não só) está dependente das ações destes intervenientes, pelo que a campanha “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis” tanto serve para quem está fora de campo como para quem está dentro deste.

Duração da sequência: 30 segundos

Imagens das quatro personagens após o jogo

Agora que o jogo terminou, vemos as quatro personagens a voltarem às suas vidas: o jogador, já depois de se ter desequipado, vai em direção à carrinha do clube, à conversa com os colegas de equipa; o treinador bebe uma cerveja com alguns adeptos do seu clube, enquanto falam um pouco sobre o jogo; o adepto vai-se embora do campo de jogos e vemo-lo a colocar o copo de plástico da cerveja no lixo; o árbitro entra no seu veículo pessoal, liga o rádio e vai a cantar até casa. Estes são alguns exemplos de possíveis finais de jogo, que variam consoante as características do elemento premiado em cada mês. Mais uma vez, pretende-se reforçar a ideia de que o futebol vai muito para além do que se passa nos relvados.

Duração da sequência: 1 minuto (15 segundos para cada personagem)

Imagem do *flyer* da campanha “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”

Visto que o nome do projeto é o mesmo que o da campanha “Pais Desportistas são Pais Responsáveis”, de forma a sensibilizar as pessoas para a mesma, o vídeo acaba com o “Adepto do mês” a ver no telemóvel o *flyer* alusivo a esta iniciativa. O destaque vai para o telemóvel, onde se lê o título da campanha e as 10 regras a cumprir por parte dos adeptos durante um jogo de futebol.

Duração da sequência: 10 segundos

7. Observações finais

Primeiro episódio

No primeiro episódio com as quatro figuras do mês, para além das sequências acima descritas, temos ainda uma entrevista com o Presidente da Câmara de Almeirim, por se tratar do principal rosto da campanha “Pais de Desportistas são Pais Responsáveis”. A duração seria de 2 minutos.

Música

Energetic Rock Background Music For Sports & Workout Videos
<https://www.youtube.com/watch?v=YGSeID1TZWY>

A música é também um elemento-chave de cada vídeo, sendo que seria utilizada em toda a primeira parte, na sequência “Imagens destes elementos em ação” da terceira parte e em toda a quarta parte. Contudo, nesta última parte, uma vez que se trata da conclusão, o volume da música ia gradualmente baixando, até o esta acabar.

Teaser e imagens

De forma a ilustrar o guião e tentar dar vida àquilo que se pretende fazer com este projeto, foi realizado um *teaser* de 1 minuto, com imagens do jogo Académica de Santarém-União de Santarém, realizado no dia 29 de dezembro de 2018 no Campo da Ribeira de Santarém. Estas imagens, à semelhança do que acontece com a da capa do trabalho e com as utilizadas no desenvolvimento, são da autoria de Rodrigo Branco, aluno de Serviço Social da Universidade de Coimbra.

Pais de Desportistas são Pais Responsáveis - Teaser

https://www.youtube.com/watch?v=OAljek_2E0s&feature=youtu.be

8. Anexos

8.1. Entrevista a Ricardo Correia, treinador e olheiro de futebol



1. É recorrente assistirmos a inúmeros relatos de violência para com os árbitros em jogos de futebol. Como é que se explica esta situação?

A explicação relativamente a esse tipo de ocorrências deve-se a vários fatores. A falta de educação e formação da nossa sociedade (desde jovens, jogadores, encarregados de educação, adeptos, etc., até aos diretores e dirigentes desportivos, técnicos e por vezes os próprios árbitros) é algo complexo de se explicar ou compreender, mas infelizmente é uma realidade no futebol de formação e sénior. No entanto, acho que a falta de formação, educação, princípios e valores são os grandes responsáveis.

2. O nosso grupo pretende perceber o porquê de haver tantos casos destes no futebol de formação. Estará o problema nos pais e de quem acompanha os jovens aos jogos?

A “hiper-competitividade” dos encarregados de educação, treinadores e dirigentes é em parte responsável por estes casos, sendo posteriormente transmitida aos jovens. A “competição” e o “ganhar” muitas vezes vê-se sobreposta em relação à formação, o que é completamente errado. Não sou hipócrita ao ponto de dizer que o “ganhar” não interessa: ganhar é importante. Mas enquanto encarregados de educação, treinadores, formadores, educadores, temos de fazer um trabalho conjunto, de forma a conciliar o “ganhar” e o “formar”. Não interessa vencer a qualquer custo, e muito menos culpar alguém quando não o conseguimos. Temos a responsabilidade de ensinar aos jovens como ganhar e como perder. Mas, infelizmente, a nova geração de pais e a nossa cultura desportiva tornam a mudança de mentalidades mais difícil, mas não impossível.

3. A violência no futebol começa aqui, nas camadas jovens, ou são as camadas jovens a ser influenciadas pelo que se passa no futebol profissional?

O futebol profissional é, em parte, o reflexo do que se passou na formação dos jogadores atualmente profissionais. Quer isto dizer que o seu processo formativo foi defeituoso. E, obviamente, como não são tomadas medidas, o efeito será uma «bola de neve», que se alastra e que se expande cada vez mais, até os responsáveis serem chamados à responsabilidade.

4. A diferente análise de cada árbitro, em virtude de experiências e sensibilidades distintas, poderá ser um dos fatores desencadeantes de protesto?

Muitas das vezes não são as diferentes formas do árbitro analisar o lance, mas sim a sua personalidade e a maneira como impõe as suas decisões. Por vezes, estas estratégias de imposição são demonstrativas de autoridade exagerada, quando o mais necessário dentro das quatro linhas não é a autoridade: é, na verdade, o respeito - do árbitro para com os jogadores e pessoas do futebol, mas também o inverso. Um jogador pode falhar um golo, um treinador pode tomar uma decisão errada, basicamente todas as pessoas do futebol podem errar, exceto um árbitro! O juiz da partida tem logo a cabeça a prêmio ao mínimo

erro. Nós (público, técnicos, etc.) não damos qualquer margem de manobra aos “senhores do apito”.

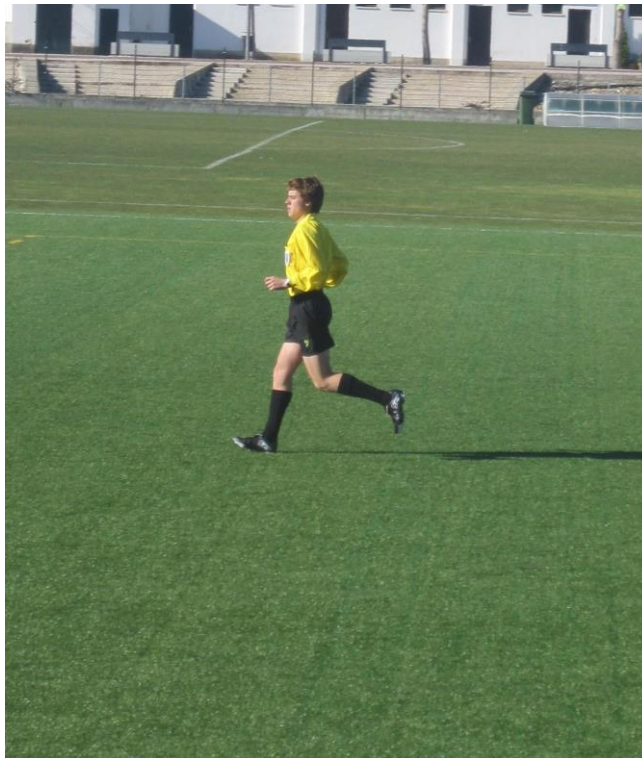
5. Como é que a opinião pública influencia a prestação/carreira de um árbitro?

Depende. Depende se esse árbitro está em início de carreira, se é profissional, se é amador, se tem muitos minutos de experiência, se é inexperiente... Se for um árbitro mais experiente/profissional sabe ou teria de saber canalizar essas críticas /opinião pública para a zona do “sem importância”. Se for um árbitro pouco experiente/amador, muitas vezes acaba por ficar desmotivado e conseqüentemente terminar de forma precoce a sua carreira, desistindo e fugindo de dias, horas e anos da sua vida a ser ofendido e julgado.

6. Como é que este distanciamento entre os árbitros do público, e esta desumanização dos juízes da partida, poderá/poderia ser combatida?

Através de ações de formação para todos os intervenientes no futebol, com a transmissão de valores, de princípios e de respeito entre todos! No fundo, a resolução do problema passa pelas mãos dos treinadores e dos próprios jogadores, que devem tomar a iniciativa de educar o público e de ser um exemplo a ser seguido.

8.2. Entrevista a Miguel César, ex-árbitro da Associação de Futebol de Santarém (AFS) e Associação de Futebol de Leiria (AFL)



1. Como é que se explicam os inúmeros episódios de violência sobre os árbitros a que assistimos diariamente na comunicação social?

O que acontece é que, muitas vezes, os adeptos acabam por descarregar no árbitro as frustrações de um dia ou semana de trabalho, ou de outras coisas que estejam a correr mal na sua vida. Insultam-nos, também, para “desculpar” as falhas das suas equipas e dos seus jogadores, que em certos casos são mesmo os próprios filhos. Muitas vezes são estes que erram primeiro, mas depois é mais fácil pôr as culpas no árbitro. Mas o árbitro também erra, obviamente. Todos no futebol erram, mas as principais razões para isto acontecer são as desculpas arranjadas pelas equipas e a descarga do stress do dia a dia.

2. Virá o problema do futebol de formação? Serão os pais e quem acompanha os jovens aos jogos o foco do problema?

Por vezes são grande parte do problema, porque em jogos de miúdos com 6/7 anos, em que estes ainda mal acertam na bola, acabam por passar o jogo a “descascar” no árbitro. Não tem fundamento.

3. A violência sobre os árbitros começa nas camadas jovens e vai escalando para o futebol profissional ou começa neste e desce até à formação?

Neste momento já vem quase dos dois lados, mas no início partia da imprensa. As acusações a árbitros e a colocação da seriedade destes em causa, em processos como o do “Apito Dourado”, propagou a ideia de que os árbitros são os principais culpados, com os clubes a usarem os mesmos como “bode-expiatório” para justificar os maus resultados. Isto está tão entranhado nos pais e mães que acompanham os filhos aos jogos, que quem entra para o meio acaba por seguir o mau exemplo dos outros. No fundo, começa a ser visto como normal as pessoas culparem os árbitros. Começou nos profissionais e foi descendo: agora está nos miúdos, nos pais, nos profissionais, em todo o lado.

4. As associações apoiam e procuram defender os árbitros deste problema?

Sim, as associações apoiam. Porém, com os cortes de orçamento, há menos policiamento nos jogos da formação; muitas vezes são adeptos com uma braçadeira de segurança. São pessoas que num determinado jogo estão nas bancadas a insultar-nos, e no jogo a seguir são elas que estão encarregadas de nos proteger.

5. A diferença de análise de árbitro para árbitro poderá ser um dos fatores que desencadeia os protestos?

Os adeptos vão reclamar sempre: isso é mais que certo. Protestam porque se deixa jogar ou porque não se deixa. Eu não sou igual a nenhum árbitro, porque todos nós vemos os lances de maneira diferente e temos de decidir muito rápido, sob a pressão vivida no momento.

6. Como é que a opinião pública influencia a prestação e a carreira de um árbitro?

Influencia sempre. A nível profissional, uma má nota pode fazer com que, em caso de indecisão entre um árbitro e outro, se opte pelo menos polémico, por não ter tido uma má nota recentemente. Aí nota-se a força da opinião pública. No meu contexto (divisão distrital), isso não se nota tanto.

7. E a nível familiar e no quotidiano, quais são as consequências?

Um árbitro não deve levar o trabalho para casa. No entanto, a minha aposta vai para que alguns árbitros já se tenham divorciado devido a ameaças e pressões exteriores. O povo transformou o árbitro no “patinho feio” do futebol. As pessoas veem os árbitros como máquinas, e é isso que a sociedade quer. Não pode ser, os árbitros também erram.

8. O VAR é vantajoso?

É, se for bem aplicado. Porém, em Portugal parece existir um certo receio em corrigir o juiz da partida em determinados lances. E o próprio árbitro, mesmo quando é chamado à razão, muitas das vezes não aceita a correção do VAR, talvez por motivos de orgulho, o que leva ao seu mau funcionamento.

9. Temos relatos de agressões a árbitros em espaços públicos. Até que ponto é seguro ser árbitro em Portugal?

Para os profissionais que têm uma maior exposição, pode ser mais perigoso, mas a federação também os aconselha relativamente a onde devem ou não ir. É como o Cristiano Ronaldo, por exemplo, que não vai a um centro comercial comprar roupa; manda vir pela internet ou manda alguém ir às compras por ele. Com alguns cuidados, é seguro. No nível distrital não temos esse problema; o problema está nos jogos, onde, como já referi, há menos policiamento.

8.3. Entrevista a Jorge Andrade, ex-jogador do Futebol Clube do Porto e da seleção portuguesa



1. Assistimos regularmente a inúmeros relatos de violência sobre os árbitros em jogos de futebol. Como é que se explica este fenómeno?

Creio que a violência para com os árbitros não é só física, mas também verbal. Antes do jogo tem de existir um compromisso entre os principais agentes do desporto, para se responsabilizarem quanto à violência em geral e para se gerir as condutas de todos. Penso que a violência verbal em Portugal é a pior, pois conduz ao fenómeno de “carambola”, em que acabamos por assistir a um total desrespeito para com os profissionais.

2. O nosso grupo pretende perceber o porquê de haver tantos casos destes no futebol de formação. Estará o problema nos pais e em quem acompanha os jovens aos jogos?

Quanto ao futebol de formação, acho que o problema está em todos agentes. Estes esquecem-se de que os árbitros também estão em formação, e não só os atletas. Os

treinadores também são muito importantes na mudança de conduta, ao ensinarem que o erro faz parte do jogo, tanto o dos árbitros, como o dos jogadores, treinadores, etc.. Quanto aos pais, creio que individualizam e focam-se demasiado no rendimento dos filhos. Por vezes, quando as coisas correm menos bem, as frustrações são evidentes e acabam por descarregá-las nos árbitros.

3. A violência no futebol começa aqui, nas camadas jovens, ou são as camadas jovens a ser influenciadas pelo que se passa no futebol profissional?

Penso que a violência, tanto a verbal como a física, é maior no futebol profissional e por isso é este que influencia o futebol jovem ou amador. Normalmente, a violência tem maior impacto no futebol juvenil, visto que os campos têm menos condições e não conseguem evitar o contacto próximo do público. Isto faz com que exista uma grande aproximação física aos agentes desportivos.

4. O futebol de formação vai muito para além de criar jogadores. Acha possível inculcar uma diferente mentalidade nos miúdos, para que, um dia, mesmo nas bancadas, sejam melhores adeptos?

Sim, os treinadores de formação têm esse dever: inculcar nos atletas um espírito de fair-play, para que se recolham frutos mais tarde. Penso que é aqui que se veem os treinadores mais bem formados e mais competentes.

5. Como podemos contrariar o aumento progressivo dos comportamentos que se têm verificado dentro e fora de campo, tanto a nível profissional como amador?

Com atitudes práticas, como a utilização adequada das tecnologias para a diminuição do erro (por exemplo, o VAR) e também com o controlo dos veículos da comunicação que contribuem para a violência crescente.

8.4. Entrevista a Salomé Marivoet, socióloga do desporto e professora no ISCTE-IUL



1. É recorrente assistirmos a inúmeros relatos de violência para com os árbitros em jogos de futebol. Como é que se explica este fenómeno?

Deve-se à perceção de injustiça por parte do público, jogadores e técnicos, isto é, da existência de parcialidade nas decisões dos árbitros. As agressões e insultos aos árbitros são os incidentes registados em maior número pelas forças de segurança, e o fenómeno é já antigo. Contudo, existem circunstâncias que têm agudizado o problema, sendo que este se alargou aos escalões juvenis de futebol.

O reforço na comercialização do espetáculo de futebol, e com esta as perspectivas de carreira profissional de sucesso, fez aumentar a competitividade em todos os escalões, sendo que os escalões juvenis tendem a imitar as práticas do futebol profissional. Claro que no futebol juvenil está em causa o sucesso na carreira e o sonho de virem a ser profissionais, sonho este que regra geral é alimentado pelos pais.

No caso do futebol profissional, a intensificação da competitividade dos jogos prende-se também com questões financeiras dos clubes. A importância da vitória tornou-se o objetivo principal, encontrando-se intimamente associada com a atração de recursos financeiros, que por sua vez permitem a manutenção de equipas mais competitivas (contratação de bons jogadores, técnicos, condições de treino, etc.).

A tendência de crescimento da competitividade levou à alteração do *ethos* da interação desportiva, isto é, passou a jogar-se com o limite das regras de modo a aproveitarem-se todas as oportunidades de marcação (posse de bola, golo, falta para o adversário, etc.), facto que tem vindo a dificultar as arbitragens.

Em meados dos anos 90, os jogos de futebol profissional começaram a ficar com a bola muito parada em consequência das faltas assinaladas pelos árbitros, perdendo assim espetacularidade. De modo a restituir o vigor dos jogos de futebol, importantíssimo para a comercialização das ligas (assistência aos jogos), a FIFA alterou a designada “filosofia” da arbitragem, passando de “em caso de dúvida apite” para “em caso de dúvida não apite”. Esta alteração visou aumentar a espetacularidade dos jogos e assim atrair o público para os estádios ou visionamento dos jogos pela TV, mas agravou o “calcanhar de Aquiles” do futebol - as arbitragens.

Por um lado, a interpretação das leis do futebol e marcação das respetivas faltas passou a ser mais circunstancial, de modo a deixar o jogo fluir; por outro, o jogar no limite das regras, como constitui a tendência atual, dificulta a identificação das faltas, sendo que têm vindo a público situações de corrupção dos árbitros. Assim, quando uma falta não é assinalada pelo árbitro, surge a dúvida se não a viu, ou não a quis ver. E se não a quis ver, porquê?

Refira-se que o facto de os árbitros não assinalarem uma falta numa equipa leva a adversária a contestar, pois fica prejudicada, sendo que quando assinalam uma falta numa equipa e não assinalaram uma falta na equipa adversária as contestações tornam-se maiores.

A perceção de injustiça e parcialidade das arbitragens levou a FIFA, primeiramente, a introduzir um quarto árbitro, de modo a aumentar a visão do jogo, e, mais recentemente, a introduzir o vídeo-árbitro nas ligas profissionais, justamente para restituir o sentido de justiça e assim diminuir as contestações e atos de violência contra os árbitros.

2. O fenómeno de hooliganismo enquadra-se na realidade da violência no futebol português?

Desde a década passada que, nas características da violência por parte de grupos organizados, se encontra também a subcultura *hooligan/casual*. Contudo, o que

predomina em Portugal é a subcultura *ultra*. Diferenciam-se pelo tipo de comportamentos e formas de violência. Em ambas as subculturas encontra-se uma enorme predisposição para a violência, como algo valorizado no grupo (pela coragem demonstrada, bravura, façanhas, associando o uso da força física à virilidade e à honra masculina). Contudo, os *hooligans* (de origem inglesa), atualmente designados de *casuals*, batem-se em rixas corpo-a-corpo com grupos das equipas rivais (marcadas fora do local ou mesmo do dia do jogo), sendo que vão aos jogos sem qualquer identificação com o clube (usam roupa de marca, daí a designação de *casuals*), para passarem despercebidos às forças de segurança. Já os *ultras* (de origem italiana) encontram-se organizados em grupos com líderes, estabelecem ligações institucionais com os respetivos clubes, assistem aos jogos identificados com os grupos (cliques) e/ou clube e criam coreografias para os jogos. E se por um lado dão um manifesto apoio à equipa durante os jogos, por outro caracterizam-se por uma enorme intolerância face aos adeptos dos clubes rivais, utilizando a forma de violência de 'guerrilha urbana' (bate e foge) como forma de intimidação ou de resposta a provocações, ainda que a provocação seja uma constante entre uns e outros, daí os aparatos policiais a escoltar as cliques dos clubes rivais quando jogam entre si.

3. A violência pode considerar-se como a consequência de um instinto natural do homem ou como um comportamento aprendido pelo homem ao longo da sua história?

A agressividade e o uso da força física fazem parte da natureza humana. Todos nós nos podemos tornar violentos numa circunstância em que a nossa integridade física ou de alguém próxima possa estar a ser ameaçada. Porém, os valores da sociedade têm mudado, assistindo-se a uma tendência para a pacificação da vida social, também designada de civilizacional. Com a instauração do Estado de direito na Modernidade, assistiu-se ao monopólio da força física por parte do Estado (a cargo das forças de segurança, polícias e militares), passando a ser crime as ofensas à integridade física. Deste modo, os litígios entre as pessoas e/ou grupos deverá passar pelos tribunais, não sendo permitidos atos de “justiça pelas próprias mãos”, justamente o que se encontra no caso das agressões aos árbitros de futebol.

4. O nosso grupo pretende perceber o porquê de haver tantos casos destes no futebol de formação. Estará o problema nos pais e de quem acompanha os jovens aos jogos?

Naturalmente. Os pais querem que os filhos realizem o seu sonho de virem a ser jogadores profissionais de futebol, e para isso precisam de ganhar jogos! E como se sabe, pode-se perder um jogo devido a faltas assinaladas pelos árbitros. Por seu lado, os treinadores querem a todo o custo que as suas equipas sejam vencedoras, pois isso irá contribuir para o sucesso da sua carreira de treinadores. Também muitos chegam mesmo a instigar os jovens a jogar no limite das regras, de modo a aumentar as oportunidades da vitória, e desse modo dificultar as arbitragens.

5. A violência no futebol começa aqui, nas camadas jovens, ou são as camadas jovens a ser influenciadas pelo que se passa no futebol profissional?

Como referi anteriormente existe influência dos comportamentos do futebol profissional nas camadas jovens, mas a base do problema é a mesma, o ganhar a todo o custo devido à pressão da vitória.

6. A diferente análise de cada árbitro, em virtude de experiências e sensibilidades distintas, poderá ser um dos fatores desencadeantes de protesto?

Naturalmente que existe um cunho individual na forma de arbitrar por parte de cada árbitro, mas o problema está na avaliação das circunstâncias (identificação de faltas por um lado, e deixar fluir o jogo por outro), e estas não são consideradas pelo público, jogadores e treinadores, pois uma falta não assinalada na equipa adversária torna-se desfavorável para a outra equipa. Ora, quando não se assinala para uma equipa adversária e se assinala uma falta para a própria equipa, as desconfianças de parcialidade, suspeitas de corrupção ou percepção de injustiça, levam à “exaltação dos ânimos” (descontrolo emocional) e à violência moral, como são os insultos constantes aos árbitros, e não raras vezes à violência física .

7. Como acha que a opinião pública influencia a prestação/carreira de um árbitro?

Apesar de os árbitros estarem preparados para não serem influenciados pelo público/adeptos de um dado clube, podem sentir-se persuadidos pelo seu comportamento agressivo, intimidados, e nestes casos podem “fechar os olhos” no assinalar de faltas das respetivas equipas, em particular em jogos disputados em campos com pouca segurança do retângulo do jogo, como acontece nos jogos das distritais e das camadas jovens.

8. Sabemos que não é só uma situação que afeta os árbitros a nível profissional. Em que medida isto se alastra para o seio familiar?

Alguns árbitros queixam-se de intimidações estendidas às suas famílias, daí que o fator da persuasão do comportamento do público sobre a integridade física dos árbitros e dos seus familiares próximos possa afetar o seu desempenho imparcial durante os jogos. Uma vez que isto acontece, constitui também um estímulo para que os adeptos tendam a reforçar as suas manifestações de desagrado, e quando não de persuasão e intimidação, pois elas poderão ajudar as equipas que apoiam a ganhar um jogo. Infelizmente, a procura da vitória a todo o custo tem levado à refinação de meios dentro e fora do terreno de jogo de modo a assegurá-la. Como costume dizer, nos nossos dias, os campeonatos não se disputam apenas no terreno de jogo!